

REPRESENTAÇÕES DE SUJEITOS SURDOS E SENTIDOS SOBRE A SURDEZ NO CONTEXTO SOCIAL EM BRAGANÇA NO PARÁ

Thayse Maria Alvão Corrêa¹
Larissa Fontinele de Alencar²
Joana d'Arc de Vasconcelos Neves³

RESUMO

A teoria das Representações Sociais tem como fenômeno o pensamento psicossocial dentro de uma diversidade social. Portanto, a presente pesquisa desenvolve o estudo sobre o sujeito surdo em Bragança no Pará, no campo teórico metodológico, objetivando analisar as representações sociais de surdos acerca dos processos e contexto social. Participaram como colaboradores da pesquisa dois sujeitos surdos, de lares ouvintes, que tiveram contato com a Língua Brasileira de Sinais (Libras), sendo seus discursos coletados a partir de entrevistas e analisados através do discurso de Bakhtin. Os resultados evidenciam que as representações sociais revelam práticas excludentes. O interlocutor Mateus (ensino médio) adequou-se na categoria “identidade surda de transição”, enquanto Marcos (ensino superior) na de “identidade surda híbrida”, sendo às narrativas suficientes para compreender as visões dos surdos, fontes das concepções da comunidade surda, em caracteres subjetivos e coletivos, frutos das necessidades comuns a estes interlocutores da pesquisa e comunidade surda de Bragança-PA.

Palavras-chave: Representações Sociais. Contexto social. Bragança-PA. Surdos.

REPRESENTATIONS OF DEAF SUBJECTS AND SENSES ABOUT DEAFNESS IN THE SOCIAL CONTEXT IN BRAGANÇA IN PARÁ

ABSTRACT

The theory of Social Representations has as its phenomenon the psychosocial thought within a social diversity. Therefore, this research develops the study on the deaf subject in Bragança, Pará, in the theoretical methodological field, aiming to analyze the social

¹Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia no Programa de Pós graduação da Universidade Federal do Pará. Especialização em Educação Especial Inclusiva na Faculdade Rio Sono. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (2004). Professora Efetiva de Educação Especial e Especialista em Educação da Secretaria de Educação do Estado Pará, atuando na função de Dirigente Regional de Ensino na DRE Bragança. Bragança – PA, Brasil. ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0003-0251-952X>. E-mail: thaysealvao2000@hotmail.com

² Doutorado em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal Pará (2018-2022). Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) pela Universidade Federal do Pará (2014). Especialista em Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa e Literaturas (2006). Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2005). CBRAG - Bragança/UFGA. Professora pela Secretaria de Estado de Educação do Pará. Bragança – PA, Brasil. ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0003-3190-9279>. E-mail: larissafontinelle@gmail.com

³. Doutora em Educação. Docente Associada na Universidade Federal do Pará, vinculada a Faculdade de Educação e ao Programa do Pós Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia. Linha de pesquisa Educação, Linguagens e Interculturalidade na Amazônia; Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos, Representações e as condições bilíngues. ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0002-3110-3649>. E-mail: jdneves@ufpa.br.

representations of deaf people about the processes and social context. Two deaf subjects, from hearing homes, who had contact with Brazilian Sign Language (Libras) participated as research collaborators, and their discourses were collected from interviews and analyzed through Bakhtin's discourse. The results show that social representations reveal exclusionary practices. The interlocutor Mateus (high school) fit into the category of "transitional deaf identity", while Marcos (higher education) fit into the category of "hybrid deaf identity", with the narratives being sufficient to understand the views of the deaf, sources of the conceptions of the deaf community, in subjective and collective characters, fruits of the common needs of these interlocutors of the research and the deaf community of Bragança-PA.

Keywords: Social Representations; Social context; Bragança-PA; Deaf.

REPRESENTACIONES DE SUJETOS SORDOS Y SENTIMIENTOS SOBRE LA SORDERA EN EL CONTEXTO SOCIAL EN BRAGANÇA, PARÁ

RESUMÉN

La teoría de las Representaciones Sociales tiene como fenómeno el pensamiento psicosocial dentro de la diversidad social. Por lo tanto, la presente investigación desarrolla el estudio del sujeto sordo en Bragança, Pará, en el campo teórico metodológico, con el objetivo de analizar las representaciones sociales de las personas sordas respecto de los procesos y el contexto social. Participaron como colaboradores de la investigación dos sujetos sordos, provenientes de hogares oyentes, que tuvieron contacto con la Lengua de Signos Brasileña (Libras), con sus discursos recogidos a partir de entrevistas y analizados a través del discurso de Bakhtin. Los resultados muestran que las representaciones sociales revelan prácticas excluyentes. El interlocutor Mateus (escuela secundaria) encaja en la categoría de "identidad sorda de transición", mientras que Marcos (educación superior) en la "identidad sorda híbrida", siendo las narrativas suficientes para comprender las opiniones de los sordos, fuentes de las concepciones de la comunidad sorda. en personajes subjetivos y colectivos, frutos de las necesidades comunes de estos interlocutores de la investigación y de la comunidad sorda de Bragança-PA.

Palabras clave: Representaciones Sociales. Contexto social. Braganza-PA. Sordo.

INTRODUÇÃO

O processo de luta para romper com as representações negativas, estereotipadas de exclusão, de segregação e preconceito tem se configurado uma longa história de conflitos e contradições em relação à pessoa surda como sujeito de direito e com autonomia de gerir sua própria existência, que requer como dizia Jodelet (2001), voltar à atenção para as representações que fundam os preconceitos, assim como os processos de comunicação e os contextos nos quais os conteúdos dessas representações são construídos. Veiga-Neto (2001) enfatiza essas dificuldades ao afirmar que as políticas de inclusão sofrem resistência por parte de alguns educadores, além de problemas relacionados ao cunho epistemológico e prático.

Tais dificuldades são maximizadas a partir do momento em que se busca homogeneizar aqueles que são diferentes, desconsiderando as várias identidades que permeiam esse contexto. Logo, esse processo de incluir pelas vias da homogeneização, configura-se como excludentes, pois dentro dessa lógica, as singularidades são perdidas, e ao invés de incluir, sujeitos passam a sofrer uma exclusão dupla, a primeira devido a suas necessidades específicas, e a segunda relacionada à tentativa de igualar a todos, normalizar, negando assim, as especificidades dos sujeitos. A justificativa seria que ao atender um padrão pré-estabelecido, este sujeito teria a possibilidade de um corpo ideal, “normal”, no entanto, esse processo configura-se como opressor, excludente, desigual e preconceituoso ao tentar definir o que é “normal” e “anormal” (Bentes; Hayashi, 2012).

Por isso a necessidade de compreender esses processos no campo político, social e cultural, para assim pensar paradigmas que oportunizem um rompimento com esses arranjos históricos abalizados por processos de exclusão, ou mesmo uma exclusão “disfarçada” de inclusão, o que implica em redirecionamento das ações por parte do Estado, ou seja, políticas públicas que estejam para além de meras ações paliativas, ou que considere a heterogeneidade dos sujeitos. Portanto, esta pesquisa teve como objetivo, analisar as representações sociais de surdos acerca dos processos de escolarização e as reverberações destes no contexto social em busca da inclusão social para Amazônia Bragantina, Bragança, Pará - PA, através da caracterização dos sujeitos surdos e sentidos sobre a surdez.

METODOLOGIA

Para a revisão bibliográfica, foi realizado o Estado do conhecimento, para identificar o que tratam as pesquisas sobre as representações sociais dos surdos, compreendendo que toda a representação é de alguém sobre algo/fenômeno, buscou-se como recorte os descritores: surdo, seguido de um segundo descritor Representação Social, no período de 2010 a 2020. Essa pesquisa foi realizada no site da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.

Para analisar as representações sociais de surdos acerca dos processos de escolarização, a pesquisa contou com a colaboração de dois sujeitos surdos para

realização de entrevistas, o Mateus (nível médio) e o Marcos (nível superior), descritos por nomes fictícios para preservação da identidade. As entrevistas foram realizadas em 2021 e os participantes foram selecionados pelos seguintes critérios: domínio da Língua Brasileira de Sinais, participantes das discussões e mobilizações sobre a educação de surdos em Bragança e que tivessem experiências escolares em tempos diferentes e em diversos contextos e níveis de aprendizagem. Também foi entrevistada a mãe do entrevistado Mateus (nível médio), descrita como “Mãe do Mateus (nível médio)” na pesquisa, possibilitando esclarecimentos das narrativas que evidenciam as dificuldades iniciais da vida do entrevistado.

As entrevistas contaram com a participação de dois intérpretes de Libras e os registros foram feitos por meio de vídeo-gravação e transcritos integralmente. As transcrições foram caracterizadas por um contato direto entre o entrevistado e seu entrevistador, permitindo as trocas de informações entre os sujeitos, a partir de interpretações, percepções, experiências, maximizando o grau de profundidade e autenticidade dos discursos proferidos pelos sujeitos (Quivy; Campenhoudt 1992) e potencializando não apenas o conteúdo, mas os processos constituidores das representações.

No que se refere às análises, foi inicialmente feita uma exploração geral das transcrições, a partir do roteiro dos questionários e das entrevistas e em função, também, do que foi dito pelos entrevistados. A organização dos dados consistiu na abordagem dialógica da linguagem com referência na análise do discurso em Bakhtin. Nesta direção, o campo representacional constituído pelas dimensões Moscovicianas sujeito/contexto (imagens e sentidos) e Atitudes (valores) serão organizados a partir de um processo analítico, a partir do contexto do dialogismo Bakhtiniano em que os sujeitos das representações são considerados sujeitos dos discursos. Portanto, através de relatos de experiência e para estrutura de análise foram utilizadas as três dimensões de análises da teoria Moscovicianas (Moscovici, 1978).

RESULTADOS

A análise dos dados coletados passou por três momentos distintos, a saber: organização dos dados; exploração dos dados; e interpretação dos dados, dentro de

um processo de sistematizar as ideias transmitidas por meio do discurso (Bakhtin, 2011), no qual se extrai as condições de linguagem (conteúdo temático, estilo de linguagem e finalidades) permite demarcar os elementos constitutivos das representações sociais: objetivação e ancoragem, e principalmente estabelecer a relação com os valores ideológicos que as permeiam. Assim no processo analítico as condições de linguagem permitiram chegarmos ao processo de construir das representações sociais, conforme o Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Condições de Linguagem

Condições de Linguagem			
Sujeitos Dialógicos	Conteúdos temáticos Tema trazido (objeto da discussão)	Estilo de linguagem (estilo figurativo= discurso negativista/ crítico considerando o sujeito que diz).	Finalidades Tá sendo dito para quê? Fortalecer que a ideia e ou que grupo?
Sujeitos e Representações Sociais	Ancoragem – Nomear-classificar	Objetivação – agregar as categorias já existentes. Explicações e justificativas	Valores e Atitudes

Fonte: Autora (2020)

Observa-se a partir do quadro acima que os dois principais elementos constitutivos da representação, objetivação e ancoragem, ganham forma a partir da análise do discurso (enunciado) em Bakhtin. A ancoragem, que segundo Moscovici (2003) trata-se de um processo que nomeia e classifica as informações sobre um determinado objeto social de acordo com a relação e as estruturas de conhecimento existentes anteriormente, dependendo da memória balizada pela coletividade (Moscovici, 2003), em nossa estrutura analítica ela será extraída dos discursos dos sujeitos a partir dos conteúdos temáticos identificados nos processos de responder sobre o objeto da discussão, ou seja, a escola de surdos.

No que diz respeito ao processo chamado de objetivação⁴ é o ato de transformar algo abstrato em algo quase concreto, dito de outra forma é transferir o que está na mente em algo que exista no mundo (Moscovici, 2003). Nesse sentido, em nossa análise a objetivação será identificada a partir dos estilos de linguagem

⁴ MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais: investigações em Psicologia Social. Traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 10 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

e seus conteúdos dos sujeitos, ou seja, nas formas os sujeitos apresentam seus argumentos e justificam suas ideias a respeito do fenômeno de estudo.

Através dos questionários constatou-se que os sujeitos da pesquisa são dois homens: um jovem de 21 anos, solteiro, nomeado Mateus (ensino médio), estudante do último ano do ensino médio na Escola Estadual de Ensino Integral Prof. Bolívar Bordallo da Silva-BBS, em Bragança-PA; e um adulto de 45 anos, casado, nomeado Marcos (ensino superior), estudante de Pós-graduação em Linguagem e Saberes da Amazônia, na Universidade Federal do Pará-UFPA.

Mateus (ensino médio) nasceu surdo, prematuro de sete meses, entretanto, sua família percebeu a ausência da audição aos três anos de idade. Nos primeiros anos, sua mãe teve inúmeras dificuldades em lidar com a surdez do filho, assim como, em buscar apoio para o seu desenvolvimento. Em visita à residência de Mateus (ensino médio), para entrevista, sua mãe apresenta algumas narrativas que evidenciam as dificuldades iniciais:

Era muito jovem quando engravidei, o pai do Mateus (ensino médio) saiu de casa, e tive que cuidar sozinha dele e de sua irmã mais velha, Mateus (ensino médio) teve complicações e nasceu antes da hora, aos sete meses, e precisou ir para incubadora, e acabei não percebendo a deficiência do meu filho para buscar ajuda, ele me cobra muito porque eu não consegui um aparelho para ele poder se comunicar (Mãe do Mateus/ensino médio).

Mateus (ensino médio) teve o ensino da Língua Brasileira de Sinais-Libras, conhecendo seus aspectos linguísticos, aos 13 anos de idade, quando passou a estudar em uma Escola de Ensino Fundamental II (6º ano ao 9º ano) Escola Prof. Bolívar Bordallo da Silva- BBS e teve acesso ao Atendimento Educacional Especializado-AEE, aonde vivenciou o ensino em Libras e foi aprimorando seus conceitos a partir das vivências.

Destaca-se que na infância, em seu convívio com a família ouvinte, Mateus (ensino médio), descreve que utilizava da mímica para comunicar-se. Tais dificuldades não se limitavam apenas ao contexto familiar, mesmo quando ingressou na escola, aos sete anos de idade, na Escola Heraldo da Fonseca (escola que atendia a pessoa com deficiência no Município de Bragança-PA), Mateus (ensino médio) foi estimulado oralizar, ao mesmo tempo em que foram

apresentadas as primeiras noções de libras, onde aprendeu alguns sinais em Libras e a utilizar o alfabeto, fazendo a datilologia. Ao ser aprovado para o 6º ano do ensino fundamental, Mateus (ensino médio) era então o único aluno surdo da escola. Nesse contexto as dificuldades continuavam isso porque havia pouca interação com outros alunos, o ensino-aprendizagem resumia-se, como ele mesmo descreve,

Na minha infância, me comunicava com minha família só por mímicas; brincava com meus primos, mas eles não conseguiam entender, era difícil. Quando comecei na Escola Heraldito não conhecia muita gente, tinha nas paredes o alfabeto em Libras, a escrita do português, as professoras me ensinaram algumas palavras em português, para eu falar. Depois fui para o 6º ano, mudei de escola, fui para o BBS, era o único surdo, não conseguia me comunicar, só copiava as matérias dos meus colegas, e apenas me comunicava com meus colegas com oi (Mateus/ensino médio).

Destaca-se que ao longo de sua vida as comunicações com os ouvintes diante das ausências de interações efetivas por meio da língua de sinais, foram construídas por meio das “mímicas” chamadas de sinais caseiros. Dentro deste contexto, Santiago; Andrade (2013) descreve que a utilização dos sinais caseiros pelo surdo dentro de famílias e sociedades ouvintes é bastante comum.

Dentro de uma família formada por ouvintes, o surdo precisa manter a comunicação de forma clara, considerando suas necessidades, mas por vezes, a maneira em que a comunicação está sendo levada é o que vai de fato, reger o diálogo dentro de certa família. Dessa maneira, podemos identificar, inicialmente, a Libras, leitura labial e os gestos como meios de comunicação dentro de um lar, significando que, mesmo que o surdo tenha uma língua específica, ainda é muito comum que o diálogo aconteça por meio do que a literatura chama de sinais caseiros (Santiago; Andrade, 2013).

A própria literatura dos estudos surdos revela que na ausência de uma referência da língua de sinais para as crianças surdas em famílias ouvintes, criam-se as alternativas domésticas, que em sua grande maioria ocorre, como aconteceu com o Mateus (ensino médio), por meio de exposições orais. Experiência infantil, marcadas pela ausência da Libras na comunicação, onde a família constituiu o núcleo base de suas interações sociais. Em decorrência disso, o pensamento de Hall (2005), se torna plausível à medida que demonstra o quanto o ambiente, a família

e demais aspectos culturais se tornam importantes para a construção da identidade cultural do indivíduo, ou seja, segundo tal teórico o conceito de identidade é relativo, ou sua definição, pois a mesma assume as formas dos espaços, ambientes e culturas a qual se encontra inserida, sobretudo cultural e política, sendo respaldada na explanação adiante.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente (Hall, 2005).

Hoje apesar das lacunas da Libras na comunicação que persistiram por toda a infância, aos 21 anos, Mateus (ensino médio) relata sobre seu dia a dia, descreve suas atividades que desenvolve sozinho – vai à escola, anda de bicicleta, elenca inúmeras atividades que aprendeu em interação com a irmã e amigos – ajuda nos serviços domésticos e às vezes trabalha em serviços de construção (rebocar). Seu discurso ressalta as tentativas de se encaixar nas atividades sociais com autonomia, manifesta, ainda, o seu desejo de novas aprendizagens – curso de cabeleireiro e eletricista; destaca que gosta de assistir televisão, brincar com a sobrinha, ir à igreja e de realizar estudos bíblicos em casa. É desta maneira que Mateus (ensino médio) vivencia o seu cotidiano:

Vou para escola pela manhã, sozinho, com minha bicicleta, estudo em tempo integral, mas devido a pandemia⁵ estou indo, apenas pela manhã. Ao chegar da Escola ajudo nos serviços domésticos que aprendi com minha irmã; meu amigo André me ensinou algumas atividades de construção, aprendi a rebocar casa, trabalhos de construção simples, tenho muita vontade de fazer curso de cabeleireiro, fazer curso de eletricista, mas devido à pandemia, não consegui fazer esses cursos, por isso decidir adiar esses planos. Gosto muito de assistir televisão, brincar com a minha sobrinha, participar das reuniões da Igreja as quintas e sábados, antes era presencial, mas com a covid estou acompanhando de forma virtual

⁵Em 2019 a Organização Mundial de Saúde (OMS), foi alertada de por vários casos de pneumonia na China, travasse de uma cepa (tipo) de coronavírus, que causa síndrome respiratória aguda grave, esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19. Em 2020 houve a propagação mundial da doença, em 11 de março de 2020, a COVID 19, foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo. Site: [https:// www.paho.org /pt/covid19/histórico-da-pandemia-covid-19//](https://www.paho.org/pt/covid19/histórico-da-pandemia-covid-19//).

as terças e na sexta-feira gosto de reunir a minha família para estudarmos a Bíblia para mantermos a nossa família unida (Mateus/ensino médio).

Como Mateus (ensino médio) relata sua autonomia só pode ser pensada e estudada a partir das experiências e interações vivenciadas com os membros da família e amigos próximos; nesta dinâmica, ele, aos poucos, busca participar e compreender o mundo e se construir enquanto sujeito membro de uma comunidade. Essa visão ressalta o papel da força cultural, que são propriamente formativas, no qual a individualização e o nível de emancipação ocorrem na dinamicidade do envolvimento dos sujeitos nas práticas de seu grupo social. No caso, do Mateus (ensino médio), há de se ressaltar que esse nível de envolvimento é mediado pelo tipo de linguagem que ele construiu e estabeleceu com esses sujeitos parceiros, sendo a relação do surdo com o ouvinte, mediada em grande parte pela comunicação em mímicas, o que proporciona a interação familiar e social do surdo. Assim, enfatiza-se que:

A participação da família na comunicação do surdo por meio dos sinais possibilitará a esse indivíduo a interação com o mundo e tornará o convívio mais agradável e feliz. Igualmente essa língua, na educação e nas escolas, vai proporcionar a vivência de uma realidade bilíngue das relações culturais, institucionais e sociais (Negrelli; Marcon, 2006).

Entretanto, a interação do surdo na sociedade precisa ser pensada para além das relações familiares e amigos próximos. No caso do Mateus (ensino médio), ele transita pelo mundo surdo e ouvinte, sem a linguagem propriamente dita, configurando uma oscilação que fragiliza a sua identidade e cultura surda, no que tange à construção da “identidade política surda”, tal qual sugere Perlin (2013), onde a definição de uma identidade surda é, sobretudo a construção e fortalecimento de uma identidade política surda, que evidencia a importância da valorização tanto individual quanto coletiva na/da sociedade surda. Portanto, a oscilação impede, ou tarda, como em muitos casos, para que essa identidade política não ocorra, ou demore a ser manifestada e desenvolvida.

Há de se considerar, que o processo de emancipação e autonomia desses sujeitos requer o direito a participar e de ter acessos à vida em sociedade, saúde, escola, trabalho e lazer. No discurso do Mateus (ensino médio), essa perspectiva do

direito e autonomia estão para além do acesso a benefícios sociais que é a garantia de um salário mínimo mensal à pessoa com deficiência.

Quero muito trabalhar, construir minha família, gostaria muito de colocar o aparelho auditivo, para possibilitar tudo isso, peço a minha mãe para ir atrás do tratamento para eu colocar o aparelho auditivo, pois meu amigo Patrick, me emprestou seu aparelho e consegui ouvir, fiquei muito feliz, quero muito ouvir, para conseguir participar das conversas, para aprender várias coisas, para trabalhar (Mateus/ensino médio).

Observa-se que paradoxalmente junto à representação da pessoa surda de direito a imagem do beneficiário, reflete o vínculo representacional entre a surdez e a deficiência, no qual os corpos surdos são marcados pelo sentido da incapacidade de não poder ouvir, que se manifesta no discurso do Mateus (ensino médio) ao narrar o desejo do aparelho auditivo, para não querer ficar dependente do benefício, e assim realizar o sonho de sua independência financeira, do desejo de trabalhar, que está atravessado pelo medo em não alcançar os objetivos, dada a dificuldade da sociedade em conhecer a língua de sinais. Nesta direção, seu sonho de autonomia ganha contornos de desejo de poder ouvir, para se comunicar melhor. Um desejo que tem mobilizado a mãe pela nova busca de tratamento para a surdez, especialmente, adquirir e usar o aparelho auditivo. Visualiza-se o desejo de continuar a vida, com sonhos, planejamentos, autonomia; sendo convertido na busca de sua “normalidade” como ouvinte.

Vale ressaltar que nessa busca pela normalidade de inserir-se na sociedade ouvinte a família já tentou três vezes conseguir o tratamento para adquirir o aparelho, por meio da Política Nacional de Atenção à Saúde Auditiva (PNASA) (Brasil, 2009). Já levou os documentos e, no momento da entrevista, aguarda o exame de audiometria, para passar com o médico otorrinolaringologista que faz o encaminhamento para um dos locais de referência no Pará, em Belém⁶. Esta empreitada de Mateus (ensino médio) com sua família, vem reforçar segundo Nóbrega *et al.* (2012), a conformação de Mateus (ensino médio) e sua família a compreensão da surdez a partir do paradigma biomédico, defendido no Congresso de Milão, onde:

⁶O Hospital Betina Ferro, Hospital Universitário da Universidade Federal do Para UFPA e o Centro Integrado de Inclusão e Reabilitação CIIR do Governo do Estado do Pará.

[...] aperfeiçoamento progressivo das tecnologias auditivas corretivas, com a premissa subjacente de que a estimulação auditiva possibilitaria ao surdo/deficiente auditivo se comunicar por meio da terapia da fala. Mais recentemente, impulsionados pelas invenções tecnológicas e pela perspectiva de transformar o surdo em ouvinte, mediante a recuperação da audição, vários artefatos auditivos vêm sendo desenvolvidos, particularmente o implante coclear, que tem sido considerado pela comunidade técnico-profissional como terapia curativa da surdez. As políticas públicas voltadas ao surdo no Brasil, como a Política Nacional de Atenção à Saúde Auditiva, fundamentam-se na perspectiva biomédica de inclusão do surdo na sociedade ouvinte, através da disponibilização de aparelhos auditivos dentre outras práticas de oralização (Nobrega *et al.*, 2012, p. 2).

Marcado pelo discurso biomédico da integração, reafirmado a partir do aperfeiçoamento progressivo das tecnologias auditivas corretivas e estimulação auditiva, que propagam ao surdo/deficiente auditivo a comunicação por meio da terapia da fala, Mateus (ensino médio) atribui o sentido de ser surdo, ressaltando as limitações em não poder ouvir, e da necessidade de cura, através do aparelho auditivo, para conseguir interagir com as pessoas. A partir deste contexto, Mateus (ensino médio) descreve, como se sente, enquanto pessoa surda; como é ser surdo?

Ser surdo é muito difícil não poder ouvir, vê a televisão e não conseguir entender, não entender as pessoas se comunicando através da fala, por isso gostaria de usar o aparelho para poder participar das conversas, alguns sabem um pouco de Libras, outros não sabem, então ser surdo é difícil, gosto da Libras, e queria que as pessoas se comunicassem com ela. Meu sonho é poder fazer curso, poder trabalhar, construir minha família, continuar na minha religião, ajudando as pessoas a conhecer mais sobre Deus e sonho com um mundo melhor (Mateus/ensino médio).

Na fragmentação das políticas públicas que fragilizam a própria política de inclusão, Mateus (ensino médio) manifesta seu medo da ausência do direito de comunicação, por meio da Libras. Desta forma o desejo do aparelho auditivo é acionado como forma de garantir a participação na sociedade que não está preparada para incluí-lo em sua condição de sujeito surdo, com uma linguagem e cultura própria. A visão hegemônica de uma sociedade majoritariamente oralista, promove a exclusão e marginalização do diferente, como descreve Perlin (2013)

pensar o sujeito a partir de um único ponto de vista, tratando todos de forma igualitária, provoca desrespeito às diferenças.

Por outro lado, ao analisarmos a fala do interlocutor Mateus (ensino médio), dialogando com a fundamentação teórica de Hall (2000), onde descreve que a identidade é a referência, é o centro original relativamente ao qual se define a distinção. Portanto, percebe-se quanto à importância das diferenças na construção identitária, em comparativo dialético enquanto a identidade do outro, serve enquanto antítese, para a formulação de uma síntese identitária do interlocutor. Nessas prerrogativas, ainda em citação do pensamento de (Hall, 2000), ao inferir que “Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos”, sendo perceptível que as múltiplas variações e opções de identidade que podem se desenvolver, permitem ao interlocutor avaliar em caráter de necessidade e absorção, qual destas lhes melhor é favorável de acordo com seu interesse de convívio, adaptação ou reconhecimento.

Por outro lado, autoras surdas como Ana Regina Campello e Patrícia Luiza Ferreira Rezende militantes no Movimento Surdo Brasileiro posicionam-se como “autoras com atravessamentos produzidos por uma sociedade de pseudas inclusões não tiveram suas demandas linguísticas e culturais” (Campello; Rezende, 2014, p.14), o que implica em dizer pseudas igualdades não respeitam os surdos dentro de suas singularidades culturais, terminam reafirmando representações da pessoa surda como anormais/incapazes. Essas representações negativas e hierarquizadas que tratam o ouvinte como normal e o surdo como anormal adquirem simbolicamente o caráter impositivo de negação e proibição de tudo que possa distanciar do padrão hegemônico oralizador, causando ao surdo sofrimento por não ser igual ao padrão. Nesta perspectiva, se o respeito à diferença cultural e linguística pode reafirmar a identidade do surdo, a sua negação em nome de uma pseudoigualdade tem levado historicamente, muitos surdos, assim como Mateus (ensino médio) a se conformar ao modelo social de negação da sua identidade surda.

O sentimento de pertença a um coletivo como os dos surdos requer um comportamento partilhado, por trocas entre semelhantes, caracterizados pelo uso de uma língua comum, como descreve Perlin; Strobel (2014):

Assim como ocorre com as diferentes culturas, a cultura surda é o padrão de comportamento compartilhado por sujeitos surdos na experiência trocada com os seus semelhantes quer seja na escola, nas associações de surdos ou encontros informais. Isto origina a identificação de pertencer a um povo distinto, caracterizado por compartilhar língua de sinais, valores, culturais, hábitos e modos de socialização (Perlin; Strobel, 2014, p. 25).

A negação do direito à comunicação a partilha e socialização implica na própria negação da cultura surda, gera dependência deste sujeito às pessoas próximas em seus contextos e práticas sociais do dia a dia, na busca por serviços básicos de saúde, segurança, assistência social e nas relações dos processos de ensino aprendizagem como veremos a seguir. Destarte que, se apropriar do mundo por meio da linguagem, dá aos surdos, a possibilidade de se fazerem presente na sociedade de forma emancipada, nesse sentido, na medida em que a sociedade e os próprios surdos representam a surdez com o foco na deficiência de audição, nega ao surdo, sua própria condição de sujeito de direitos, naturalizando o preconceito.

No contexto desta pesquisa, nosso segundo sujeito caminha por processos subjetivos diferentes, contudo, visualizam-se, assim como no caso do Mateus (ensino médio), a vivência de inúmeros processos de exclusão; Marcos (ensino superior) nasceu ouvinte e começou a escola nessa condição, quando estava na 2ª série do ensino fundamental, foi acometido de uma doença chamada meningite e perdeu a audição. Assim, Marcos (ensino superior) descreve:

Essa doença mudou minha vida, minha família não sabia o que fazer, não conhecia nada sobre a surdez, sobre lidar com o surdo, pensavam que eu não poderia mais voltar a estudar, não sabiam se comunicar comigo (Marcos/ensino superior).

O contexto de incertezas, a busca de tratamento e o sentimento de impotência e de vergonha em não conseguir se comunicar, marcam a reviravolta da vida descrita por Marcos (ensino superior) quando perdeu a audição. Morava no Município de Augusto Corrêa-PA, em uma comunidade chamada Tijoca, nesse período, a família tentou fazê-lo voltar a ouvir; foi um período marcado por consultas com médicos em Bragança-PA e na capital do estado, Belém-PA. As idas e vindas da família em busca de tratamento implicaram tanto em mudanças de

residência de toda a família, quanto no afastamento da escola por anos. Como Marcos (ensino superior) descreve:

Nesse período sem estudar, brincava sozinho ‘de escola’, era professor e aluno de mim mesmo, gostava muito de estudar. Até que uma professora que morava próximo de casa, viu toda minha vontade de estudar e incentivou o meu pai para que voltasse a estudar (Marcos/ensino superior).

Diante do desafio de ser surdo, único surdo da família em uma sociedade ouvinte, ao término de um longo período, sem resultados na busca para fazê-lo ouvir novamente, a família fixa residência em Bragança-PA. Sem conseguir se ajustar o adequar a sociedade ouvinte inclusive na escola. Na fase adulta da vida, ao tomar conhecimento sobre implante Coclear, buscou apoio de sua irmã para fazer uma cirurgia de implante coclear com o desejo de ouvir músicas. Foi à Belém-PA, fez vários exames, entretanto no processo de orientação da cirurgia, entre os riscos e benefícios, estava o fato de que não conseguiria ouvir música, o que fez com que desistisse do procedimento. Na fala do Marcos (ensino superior),

Foi muito desafio, a surdez era uma coisa rara naquela época, as escolas não tinham nem ideia do que era ter um aluno surdo, foi preciso me adaptar ao mundo do ouvinte na sala de aula, pois, nesse período as Leis não surtiavam efeito sobre a educação dos surdos e de outras pessoas com necessidades especiais. Mas decidi não fazer a cirurgia de implante coclear, pois o médico afirmou que eu não poderia ouvir música, em função da impossibilidade de graduar o aparelho na recepção do som, e teria muitas restrições médicas, como fazer exames de tomografia, ao andar de avião, e teria alguns riscos, então decidir aceitar a surdez, e buscar estudar (Marcos/ensino superior)

Conforme descreve Marcos (ensino superior), a experiência física da perda auditiva tornou-se secundária na representação da surdez, diante de outras limitações impostas pelo próprio implante. Aceitar a surdez tornou-se um caminho para compreendê-la como condição de vida. Nesse processo, estudar e ampliar seus conhecimentos em Libras, participar de grupos e comunidades surdas, potencializaram mudanças em sua vida, inclusive o seu ingresso no nível superior no curso de Letras Libras, assim como nos cursos de aperfeiçoamento no Curso de Alfabetização Bilíngue e até mesmo no programa de mestrado.

Nesses processos de formação passou a compartilhar experiências comuns com outros surdos - percepção e comunicação visual (língua de sinais). Percebeu-se como possuidor de uma identidade surda, presente em uma cultura que se diferencia da cultura majoritariamente ouvinte, ressignificando a sua forma de representar a surdez e a si mesmo “ser surdo passou a ser uma questão de identidade antes do que biológica” (Marcos/ensino superior). A consciência de si, construída nas relações intersubjetivas de comunicação e experiências sociais, faz com que Marcos (ensino superior) se tornasse um sujeito ativo de sua própria condição de surdez, configurou-se como um elemento diferenciador para seu reconhecimento e aceitação sobre a surdez.

Desse modo, percebe-se, a constituição da identidade surda marcada por essa dimensão formativa e de militância, fazendo com que o reconhecimento e aceitação da surdez/diferença fossem auto referenciadas e coradas de sentido nas trocas e experiências locais, nesses contextos, destaca-se a ressignificação a representação social dos surdos; não como seres subalternos em relação à sociedade ouvinte, mas sim como membros de uma cultura singular, o que significa, portanto, lutar para romper com as representações marginalizadoras que subjaz a cultura surda. Este momento de rompimento de como Marcos (ensino superior) passa acontecer pela via da resistência, a partir dos atravessamentos e das experiências com o outro.

Nas experiências de vida e de resistência de Marcos (ensino superior) destacam-se, por exemplo, o desejo em ajudar os outros surdos; o engajamento na luta da pessoa surda, tornando-se um articulador no município de Bragança-PA na organização de uma Associação de Surdos, na luta por uma educação para os surdos, assim como, promovendo Cursos Básicos de Libras⁷ para surdos e ouvintes em parceria com a UFPA Campus de Bragança-PA e um Curso Livre na Rede Municipal. E desta maneira vem contribuindo para a garantia do direito da pessoa surda, principalmente, no contexto da Amazônia Bragantina, como destaca o próprio Marcos (ensino superior):

⁷Curso da UFPA, Projeto Conexão Libras, coordenado pela Prof^a Leila Mota, e o Curso Livre ministrado na E.M.E.F. Prof Maria José dos Santos Martins aberto a comunidade.

No futuro penso em criar um projeto para alfabetização de surdos, para criança, pois percebo que o surdo adulto não consegue estudar, porque tem dificuldades na leitura e escrita. Venho realizando várias atividades, para ajudar o surdo, tanto na Universidade, na escola quanto na minha própria casa. Através de cursos, conversas com os surdos para incentivá-los no ensino aprendizagem da Libras, incentivando-os nos seus estudos, ajudando-os na organização, incentivando as famílias que na maioria são ouvintes a incentivar seus filhos surdos, em buscar organização, e lutar por melhores condições de estudo. Tenho mobilizado a criação da Associação e participado nas organizações e projetos para ensinar a Libras para os surdos (Marcos/ensino superior).

Diante das duas histórias de vida, que o jovem Mateus (ensino médio) busca o uso do aparelho auditivo para, assim, poder comunicar-se com as pessoas ouvintes; ter a sua autonomia que, apesar de ser usuário da Língua de sinais, não consegue exercer o seu direito de ser surdo na sua família, na escola e, tampouco, na sociedade. Já o segundo interlocutor, Marcos (ensino superior), a partir de experiências frustrantes em relação à capacidade de ouvir, volta-se à aceitação da surdez, assim como, na busca do seu reconhecimento enquanto sujeito surdo, com uma língua e cultura própria.

As Representações sociais dos sujeitos surdos da nossa pesquisa são fundamentadas nas suas histórias de vida, pertencentes a diferentes culturas, manifestadas através da comunicação entre os sujeitos, que infere o dialogismo. Trabalhando com a análise dialógica do discurso segundo Bakhtin (2008, p.23) “O estudo do discurso verbal implica um olhar para as relações dialógicas, pois a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam”; ou seja, o discurso existe por meio de enunciados reais, que são concretizados na relação dialógica dos sujeitos no seu meio social. Desta forma isso se articula ao Quadro 2:

Quadro 2 - Quadro de Análise dos Sujeitos Surdos

Condições de Linguagem			
Sujeitos		Estilo de linguagem (estilo figurativo = discurso negativista/ crítico considerando o sujeito que diz).	Finalidades <i>Tá sendo dito para quê?</i> Fortalecer que a ideia e ou que grupo?
Mateus (ensino médio)		- Surdez um entrave	Limite que requer

		-Limitação na Comunicação com ouvinte - Libras acessível a todos - Busca pela audição - Cura da surdez	adaptar-se ao mundo ouvinte.
Marcos (ensino superior)	Conteúdos Temáticos: Sujeitos Surdos	-Deficiência como condições de direitos - Educação como superação -Processo de organização do ser surdo - Libras comunicação - Não acredita na cura da surdez - Aceitação da Surdez	Aceitação da Surdez Construção Identitária

Fonte: Autora (2026)

O limite que requer adaptação e interação com os outros, dialogando com essas diferentes vozes, atribuíram sentidos, como nos mostra Perlin (2003), uma pesquisadora surda em sua citação sobre o ser surdo:

Se nos consideramos surdos, não significa que temos uma paranóia. Significa que estamos sendo o outro com nossa alteridade. Somos o surdo, o povo unânime reunido na auto-presença da língua de sinais, da linguagem que evoca uma diferença de outros povos, da cultura visual, do jeito de ser. Somos alteridades provadas pela experiência, alteridades outras. Somos surdos! (Perlin, 2003, p. 58).

Analisando os discursos no quadro acima, percebe-se que o ser surdo não pode ser visto a partir de um olhar padronizado, uniformizado, mas sim se apresenta como nos mostra (Perlin, 1998, p. 52) considerando as “(...) identidades plurais, múltiplas, que se transformam, que não são fixas, imóveis, estáticas ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias, que não são algo pronto”.

Desse modo, Mateus (ensino médio), por exemplo, nos apresenta a surdez como limitação, buscando a superação através do uso do aparelho auditivo; Mateus (ensino médio) diz: “eu gosto de libras e gostaria que todos se comunicassem com ela” (Mateus /ensino médio), ao discorrer em sua fala, este interlocutor reflete em seu pensamento acerca da importância da Libras, tanto utilizada por surdos quanto ouvintes, haja vista que uma comunicação gerada entre emissor e receptor só é possível quando ambos conhecem a mesma mensagem transmitida e recepcionada, além do mais, transmitindo uma representatividade sociopolítica e

sobre tudo identitária, como fundamenta Perlin (2013) ao mencionar a importância dessa postura enquanto inclusão, ou melhor, a Libras é o caminho da inclusão.

Por outro ângulo, o Marcos (ensino superior) por sua vez, busca superar as limitações da surdez por meio da ampliação da escolarização, organização e participação das pessoas surdas, em seu contexto local.

Nessa perspectiva, os enunciados refletem e retratam a realidade, e encontramos neles indícios dos conflitos e contradições presentes na sociedade brasileira, no contexto da inclusão; ao passo que permitem visualizar, através dos discursos, fragilidades das políticas públicas de inclusão que na prática fomentam tanto conformações quanto resistências ao modelo hegemônico oralista. Por esta razão, como lembra Freitas (2002, p. 29), os discursos constroem “uma verdadeira tessitura da vida social”.

Dentro do universo ouvinte, onde as condições da surdez são representadas de formas subalternizadas; observa-se que as rupturas das representações negativas (dependência, exclusão, negação da diferença e desconsideração de potencialidades) podem decorrer do fato de quem as veem e como são vistas como caminho para a conquista da autonomia, cidadania e qualidade de vida.

É nesse campo representacional que o sujeito surdo se constitui, afirmando-se e/ou opondo-se dialeticamente à condição da surdez; ou seja, com base nas significações produzidas através das relações sociais, envolvendo em grande parte, as relações que estabelecem com os ouvintes o surdo constrói seu autoconceito. Essas significações se constroem nos processos relacionais entre os campos intrassubjetivo e intersubjetivo, ou seja, em processos de comunicações e pelo lugar social que esses sujeitos ocupam nas relações interpessoais e nas situações de desvantagem a que são submetidas na cultura hegemonicamente auditiva.

Nestas inferências, embora haja casos em que a Libras possa ser julgada enquanto inferior, na verdade o que há é um processo de construção, não inferioridade, e sim uma tessitura dela enquanto também política identitária, em desenvolvimento, construção e reconstrução sociocultural. Diante destes fatores, o processo de inclusão se torna um aspecto de valorização e garantias da educação, haja vista que, pode estar presente ou ausente, no espaço educacional, nos processos de ensino e aprendizagem, e nos meios de viabilização da Libras, e dos

intérpretes e demais profissionais, que possam permitir ao surdo um aprendizado satisfatório e significativo.

Nesse cenário, os movimentos de resistência surda, lutam incessantemente contra os problemas que inviabilizam a vida dessas pessoas. Visando alcançar os seus vários direitos como vida, trabalho, cultura, entre outros, os militantes dessa causa têm procurado unir forças entre as várias associações de surdos espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, para que haja uma verdadeira transformação através da união. É notório que ainda são poucos os movimentos pró-surdos, mas que já tem feito grande diferença. Superar essa visão excludente onde os surdos são vistos como minorias marginalizadas, faz-se cada vez mais necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar as representações sociais implica conhecer, o sujeito, saber o que pensam, por que pensam e como pensam. Portanto, discutindo o perfil dos surdos com ênfase nos sentidos que atribuem à surdez, o interlocutor Mateus (ensino médio) adequou-se na categoria a qual Perlin (2013) identifica como: “identidade surda de transição”, pois nasceu surdo, porém sua surdez só foi identificada pela família após os 03 anos de idade, onde teve que usar mímicas para se comunicar, até aprender a Libras, já no caso de Marcos (ensino superior) o conceito que o definiu foi o de “identidade surda híbrida”, pois o mesmo nasceu ouvinte, porém se tornou surdo aos 08 anos de idade, processo esse que lhe causou readaptação em vários âmbitos, constituindo sua identidade sociocultural.

Portanto, compreende-se que a política de inclusão está em construção, reformulação e em desenvolvimento, partindo de relações conflituosas, não hegemônicas, particulares de cada região, estado ou município, segundo seus interesses políticos. Também que, a educação se organiza em caráter coletivo, e para ser inclusiva, no caso da escolarizante, deve dialogar com as múltiplas realidades dos educandos, fazendo com que ocorra uma aprendizagem significativa para estes, buscando a valorização dos seus saberes, suas identidades, suas linguagens, na construção de conteúdos escolares e métodos de ensino.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. – 4 ed. **Revista e ampliada**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 (1963).

BAKHTIN, M. **A Estética da Criação Verbal**. Tradução Russo Paulo Bezerra. – 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BENTES, J. A. O.; HAYASHI, M. **Normalidade e disnormalidade**: formas de trabalho docente na educação de surdos. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.073, de 28 de setembro de 2004**. Institui a Política Nacional de Atenção à Saúde Auditiva. Brasília: Ministério da Saúde; 2009.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, Edição Especial, n. 2, p. 71-92, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/6KfHLbL5nN6MdTjJd3FLxpJ/?lang=pt>. Acesso em: 23 set. 2026.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 21-39, jul. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200002>.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 23 set. 2026.

HALL, S. **A Identidade Cultura na Pós-Modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JODELET, D. Análise psicossocial e ética da exclusão – categorias analíticas 3 . Os Processos Psicossociais da Exclusão. In: SAWAIA, Bader org. **As artimanhas da exclusão**: Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Editora: Vozes, 2001.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Pesquisas Sociais**. 4 ed. Rio de Janeiro. Vozes, 2003

NEGRELLI, Maria Elizabeth Doretto; MARCON, Sonia Silva. Família e criança surda. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v. 5, n. 1, p. 98-107, jan./abr. 2006. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5146>. Acesso em: 23 set. 2026.

NÓBREGA, Juliana Donato; ANDRADE, Andréa Batista de; PONTES, Ricardo José Soares; BOSI, Maria Lúcia Magalhães; MACHADO, Márcia Maria Tavares. Identidade surda e intervenções em saúde na perspectiva de uma comunidade usuária de língua de sinais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 671-679, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300013>. Acesso em: 23 set. 2026.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://repositorio.minedu.gob.pe/handle/20.500.12799/91>. Acesso em: 23 set. 2026.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, Curitiba, Edição Especial, n. 2, p. 17-31, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/37011>. Acesso em: 23 set. 2026.

PERLIN, G. O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação. Porto Alegre, BR-RS. Skiliar, Carlos Bernardo, orient. 2013.

PERLIN, G; STROBEL, K. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, n.2, p. 17 -31, 2014.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

SANTIAGO, V. A. A.; ANDRADE, C. E. Surdez e sociedade: questões sobre conforto linguístico e participação social. In: ALBRES, N. A.; NEVES, S. L. G.. (Org.). **Libras em Estudo: política linguística**. 1ed.São Paulo: FENEIS-SP, 2013, v. 1, p. 145-163.

VEIGA-NETO, A. Incluir para excluir. In: **habitantes de Babel: diferença e mestiçagem em educação e outros processos sociais**. LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs), 2001.

Recebido em: 14 de dezembro de 2025
Aprovado em: 27 de março de 2026
Publicado em: 30 de abril de 2026

